



## **Literatura em Expressão Alemã**



## Reflexões sobre Ensinar e Aprender Segundo Brecht

*Vilma Botrel C. de MELO - UFMG*

O Prof. Hans Mayer narra em seu livro *Bertolt Brecht und die Tradition* o seguinte episódio: Uma das colaboradoras de Brecht no “Berliner Ensemble”, ao receber a incumbência de uma revista de escrever sobre ele, perguntou-lhe o que deveria escrever. “Descreva-me simplesmente como aquilo que sou, como professor”.

A preocupação com o ensinar e o aprender é uma constante na obra de Brecht. Nesse sentido, as peças didáticas são o ponto alto de sua produção, bem como os textos sobre a mesma, onde está contido o seu pensamento político, estético e filosófico.

Não menos importantes ou interessantes para uma maior e melhor compreensão destes aspectos em sua obra são os seguintes textos do autor: o poema “Lenda da criação do livro do TAOTEKING no caminho de LAO-TSE para a emigração”, alguns trechos em prosa contidos no romance *Turandot* e as *Histórias do Sr. Keuner (Geschichten vom Herrn Keuner)*, os quais serão objeto de um pequeno estudo a ser feito neste trabalho, a partir do pensamento estético de Bertolt Brecht.

**Poesia e aprendizagem: “Lenda da criação do livro do Taoteking no caminho de Lao-tse para a emigração”**

**LENDA DA CRIAÇÃO DO LIVRO DO TAOTEKING  
NO CAMINHO DE LAOTSE PARA A EMIGRAÇÃO<sup>(1)</sup>**

**Bertolt Brecht**

Quando fez setenta anos e estava já alquebrado  
O professor foi buscar repouso  
Mais uma vez a bondade estava em baixa no país  
E a maldade se tornava cada vez mais forte  
E ele arrumou seus sapatos.

E carregou o que precisava:  
Pouco. Foi reunindo aqui e acolá  
O cachimbo que fumava à noite  
O livrinho que sempre lia  
Um pouco de pó branco.

Alegrou-se mais uma vez ao ver o vale que amava  
E esqueceu o vale quando continuou seu caminho pelas montanhas  
E o boi alegrou-se com o verde  
Mastigando, enquanto carregava o velho.  
A caminhada era para ele rápida o suficiente.

Mas no quarto dia, em meio às rochas  
Seu caminho foi barrado por um aduaneiro  
“Tem algo a declarar?” - “Nada”.  
E o garoto que conduzia o boi disse “Ele foi professor”.  
Assim tudo ficou esclarecido.

Mas o homem, com um gesto alegre  
Perguntou ainda: “E ele descobriu algo novo?”  
Disse o garoto “Que a água mole em movimento  
Com o tempo vence a pedra dura.  
Você compreende. Aquilo que é duro cede”.

Para não perder a última luz do dia  
O garoto tangeu o boi  
E os três já iam desaparecendo atrás de um pinheiro  
Quando algo entrou em movimento no nosso homem

E ele gritou “Ei, você! Espera!  
O que acontece com essa água, velho?”  
O velho parou. “Te interessa?”  
Disse o homem “Sou apenas um empregado  
Mas como alguém vence alguém  
Isto também me interessa  
Se sabe, então fala”.

Escreve para mim. Deixe ditado para esta criança!  
Algo assim não se leva consigo  
Aqui tem papel e tinta  
E também uma refeição: moro ali.  
Então, aceita?

Por sobre o ombro o velho olhou  
O homem: casaco remendado, sem sapatos.  
A testa uma única ruga.  
Não, não era um vencedor quem aqui se aproximava.  
E murmurou: “Também você?”.

Para negar um pedido assim gentil  
O velho já era velho demais  
E disse: “Aqueles que perguntam  
Merecem resposta”. Disse o garoto “Está ficando frio”  
“Está bem, uma pequena parada”

E o sábio desceu do boi  
Durante sete dias eles ficaram escrevendo  
E o aduaneiro trazia o alimento (e  
só xingava baixinho os contrabandistas  
durante esse tempo)  
E então, ficou pronto?

E o garoto entregou ao aduaneiro  
Numa certa manhã oitenta e um ditados  
E agradecendo as dádivas para a viagem  
Viraram por traz daquele pinheiro nas rochas.  
Digam agora: é possível ser mais gentil?

Mas não louvemos apenas o sábio  
Cujo nome está escrito no livro!  
Pois é preciso arrancar a sabedoria do sábio  
Por isso seja também o aduaneiro louvado.  
Ele a exigiu.

Brecht costumava se definir como um professor. Alguns autores o colocam entre os maiores poetas de seu tempo na Alemanha (entre eles Kurt Tucholsky e Hannah Arendt)<sup>(2)</sup>.

A poesia “Lenda da criação do livro do TAOTEKING no caminho de LAOTSE para a emigração” foi escrita por Brecht no exílio na Dinamarca (Svendborg), em 1937. O interesse do escritor pelo legendário Laotse que teria produzido o TAOTEKING (séc. 6 a.C.) aparece no começo dos anos 20. Brecht conheceu a obra através da tradução de Richard Wilhelm. Em 1948 a “Lenda da criação do livro do TAOTEKING no caminho de LAOTSE para a emigração” foi incluída nas *Histórias de Calendário* (*Kalendergeschichten*).

O velho professor, o sábio, é para Brecht tão importante quanto o aduaneiro, o homem do povo; cada um exercendo sua função, mas participando do coletivo. O velho professor aceita transmitir seus ensinamentos, dos quais vai usufruir toda a comunidade. O homem do povo, ignorante, que certamente não poderia escrever um livro, contribui à sua maneira para a concretização do conhecimento. Este tema é recorrente na lírica de Brecht: por exemplo, no poema “Perguntas de um trabalhador que lê” (“Fragen eines lesenden Arbeiters”).

O aduaneiro é o agente desencadeador do processo: “Por isso seja também o aduaneiro louvado. Ele a exigiu”.

A linguagem usada por Brecht neste poema é gestual. O professor, ao aceitar transmitir seus conhecimentos, mostra o “gestus” de ensinar. Para ele, o homem que ali estava também era um lutador:

Por sobre o ombro o velho olhou  
O homem: casaco remendado, sem sapatos.  
A testa uma única ruga.  
Não era um vencedor quem aqui se aproximava  
E murmurou: “Também você?”

O “gestus” do aduaneiro se manifesta através de sua atitude. Ele está em busca do conhecimento, quer participar da História e se interessa em saber das coisas:

Disse o homem: ‘Sou apenas um aduaneiro  
Mas como alguém vence alguém, isto também me interessa’.

Segundo Jan Knopf esta pergunta “Wer-Wen” aponta para a questão colocada por Lenin cujo significado é a decisão na luta de classes entre a burguesia e o proletariado, e também de forma bem concreta: “quem trabalha para quem?” e “quem sofre por quem?” onde o sujeito da História é o trabalhador ignorado pela historiografia burguesa<sup>(3)</sup>.

### *Turandot*

Segundo Bertolt Brecht, o livro que mais o teria influenciado seria a Bíblia, mais precisamente a tradução de Lutero, o qual, segundo Willi Bolle, faz uso de uma “linguagem gestual”: “No ensaio “Sobre poesia sem rimas com ritmos irregulares” (1939), Brecht explica a elaboração de uma nova técnica de linguagem, tanto do verso, quanto da prosa, que ele chama gestual. Isto significa que a expressão verbal deve impregnar-se inteiramente do “gestus” da pessoa que fala. Assim, a frase bíblica “Arranca o olho que te aborrece” pode ser expressa com maior força gestual da seguinte maneira: “Se teu olho te aborrecer, arranca-o!”. De fato, Lutero, tradutor da Bíblia para o Alemão e empenhado em captar os fatos lingüísticos “na boca do povo”, optou por esta formulação<sup>(4)</sup>. No romance *Turandot*, o camponês A SHA SEN faz uso desta linguagem gestual. Tendo trazido todo o algodão que produzira para vender na cidade grande e poder entrar para a escola dos TUIS,<sup>1</sup> ele, a princípio, não consegue realizar seu grande sonho, pois toda a sua

---

<sup>1</sup> Reorganização de três sílabas da palavra “intellektuell”: Tellekt - uell - in, das quais foram aproveitadas as iniciais TUI.

produção é confiscada pelos órgãos do estado e ele não tem o dinheiro para pagar a escola. Entretanto, graças a uma benfeitora anônima, SEN recebe uma bolsa de estudos, que lhe permitirá se tornar um TUI. Ao longo de todo o romance, SEN observa as pessoas a seu redor e suas atitudes. “A atitude, em Brecht, significa mais do que um estado corporal. Ela expressa, enquanto produto de ações sociais, uma relação – é uma forma determinada através da qual alguém (ou um grupo) se confronta com o ambiente social” <sup>(5)</sup>. SEN diz a seu neto, Eh Feh, após refletir sobre a atitude dos TUIS e dos poderosos (note-se a unidade entre gesto e palavra):

SEN: Escute Eh Feh, eu já terminei minhas reflexões. Amarreme os sapatos. As idéias que aqui se compram fedem. No campo reina injustiça e na escola Tui se aprende porque tem que ser assim. É verdade, aqui constroem-se pontes de ferro sobre os rios mais largos. Mas por cima passam os poderosos em direção à preguiça, e os pobres andam por ela para a servidão. É verdade, existe uma terapêutica. Mas uns são tratados para fazerem injustiça, os outros para trabalharem para os primeiros.”

(“SEN: Eh FEH, ich bin fertig mit dem Nachdenken. Gürte mir die Schuhe. Die Gedanken, die man hier kauft, stinken. Im Land herrscht Unrecht, und in der Tuischule lernt man, warum es so sein muß. Es ist wahr, man baut hier steinerne Brücken über die breitesten Flüsse. Aber darüber fahren die Mächtigen in die Faulheit, und die Armen wandern über sie in die Knechtschaft. Es ist wahr, es gibt eine Heilkunst. Aber die einen werden dazu geheilt, Unrecht zu tun, und die anderen, für sie zu schuftten.”) <sup>(6)</sup>.

O fundamento da fala de SEN se insere também na tradição chinesa de educação, através da investigação e de uma tomada de posição após a reflexão:

O TUI GU: O senhor não gostaria de se matricular?

SEN: Talvez eu já tenha aprendido a maior parte do que há para ser aprendido aqui. Estou pensando naquele Kai Ho, aquele agitador, velhaco, que desrespeitava a mãe, que quer promover a distribuição de terras. Vamos Eh-Feh? (Sen sai com o neto)”



("O TUI GU: Wollen Sie denn nicht einschreiben lassen?

SEN: Vielleicht habe ich hier schon das meiste gelernt, was es gibt. Ich denke an diesen Kai Ho, diesen Hetzer, Lump, Mutterschänder, der den Boden aufteilen will, Eh-Feh, (ab mit dem Knaben.") (7).

O processo da aprendizagem é para Brecht uma via de mão dupla, um ato de prazer e uma tentativa de resgatar a esperança. Esta atitude otimista está na reação de SEN quando procura a escola TUI:

O TUI GU: A propósito, eu ainda não lhe perguntei porque você quer estudar?

SEN: Que grande divertimento é o pensar! E é preciso aprender a se divertir. Mas talvez eu devesse dizer: é tão útil."

("O TUI GU: Ich habe dich übrigens noch nicht gefragt, warum du studieren willst.

SEN: Denken ist ein solches Vergnügen. Und Vergnügen muß man ja lernen. Aber vielleicht sollte ich sagen: es ist so nützlich.") (8).

O sentido educativo está na percepção do outro, na intuição da outra perspectiva. Nesse sentido, Brecht apresenta no *Turandot* a convivência de duas realidades, formando um contraponto. Ao lado do camponês SEN, ingênuo, bem intencionado, em busca do prazer do conhecimento, estão os TUIS. Brecht leva o leitor à construção de uma consciência para se interrogar sobre a situação. Vale observar a recomendação do TUI NU-SHAN sobre as formulações (idéias ou opiniões emitidas pelos TUIS e vendidas no mercado):

Os senhores podem fazer o que quiserem, mas formulem as coisas de maneira decente. (Tun Sie was Sie wollen, aber formulieren Sie es anständig.) (9).

Outras situações no *Turandot* ajudam a percepção do pensamento dos TUIS: Durante a aula de retórica, o aluno SHI-MEH pergunta ao mestre TUI:

SHI-MEH: Senhor Nu-Shan, o senhor acredita que eu tenho chance? Eu não fui muito bem na disciplina 'Disfarçar' e fui o 17º na 'Arte de Bajular'...".

("SHI-MEH: Herr Nu-Shan, meinen Sie, ich habe eine Aussicht? Ich war nicht gut im Bemänteln und an 17. Stelle im künstlerischen Speichellecken...") <sup>(10)</sup>.

O diálogo entre SEN e o TUI GU também aponta para os valores éticos dos TUIS:

SEN: Então ele será preso, porque ele mentiu!

GU: Não porque ele mentiu, mas porque ele mentiu mal. Você ainda tem muito que aprender, Velho."

("SEN: So wird er verhaftet, weil er gelogen hat!

GU: Nicht weil er gelogen hat, sondern weil er schlecht gelogen hat. Du hast noch viel zu lernen, Alter.") <sup>(11)</sup>.

O mafeitor Gogher Goh encontra a solução para o problema do imperador (devido à monopolização do algodão por seu irmão Jau Jel, o país está à beira de uma revolução – o imperador tenta enganar o povo, convocando o congresso dos branqueadores que tem por finalidade inventar uma explicação convincente para o desaparecimento do algodão): "Em poucas palavras, não temos muito tempo, o senhor não deve responder a questão sobre o algodão e sim mandar proibi-la." ("Sie müssen, kurz gesagt, lange Zeit haben wir nicht, die Frage nach der Baumwolle nicht beantworten, sondern verbieten lassen.") <sup>(12)</sup>. Como prêmio, Gogher Goh deveria receber a mão da princesa Turandot. Porém, o final da história apresenta um vencedor: o povo que, ao lado de seu líder, o revolucionário Kai-Ho, invade o templo e expulsa dali seus opressores, impedindo que se realize o casamento entre Turandot e Gogher-Goh.

## As Histórias do Sr. Keuner

Escritas ao longo de 30 anos – a primeira, "Sr. Keuner e os jornais" ("Herr Keuner und die Zeitungen"), em 1926, e a última, "O Sr. Keuner e os exercícios livres" ("Herr Keuner und Freiübungen"), em 1956 – as

histórias trazem na figura do Sr. Keuner o marxista Brecht. As primeiras onze histórias foram publicadas em 1930 no primeiro caderno de *Ensaio* (Versuche), seguidas de nove outras no quinto caderno de Ensaio em 1932. Até a época do exílio foram publicadas 20 histórias. Contudo, nesta época, Brecht escreveu várias histórias, que só vieram a ser publicadas postumamente. Em 1948, trinta e nove histórias saíram em Histórias de Calendário (Kalendergeschichten), escritas no período de 1926 a 1948.

A figura do Sr. Keuner surge paralelamente à figura do egoísta Johann Fatzer, que por sua vez está ligado às peças didáticas *A Decisão* (*Die Maßnahme*) e *O malvado Baal, o associal* (*Der böse Baal der asoziale*). Segundo Elizabeth Hauptmann <sup>(13)</sup> as figuras de Fatzer e Sr. Keuner estão juntas desde o princípio de sua concepção, e Reiner Steinweg esclarece que na pasta do arquivo de Brecht número 433 estão juntos trechos de *O Vôo de Lindbergh* (*Flug der Lindberghs*), *A peça didática de Baden-Baden sobre o acordo* (*Badener Lehrstück*), *Fatzer e Histórias do Sr. Keuner* (*Keuner-Geschichten*) <sup>(14)</sup>.

Brecht precisava de um “pensador” que fizesse os comentários das parábolas entre os textos, como aparece na *Peça didática de Baden-Baden sobre o acordo* e como estava previsto para o *Fatzer*. Sua função seria esclarecer o que acontecia no teatro. O pensador ficaria assentado numa cadeira e teria: “uma postura inquisidora e sábia” (“eine unbelastigte, forschende und wissende Haltung”) <sup>(15)</sup>. As figuras de Fatzer e Sr. Keuner foram separadas em torno de 1930, quando Brecht publica as *Histórias do Sr. Keuner* no primeiro caderno dos *Ensaio*.

A figura do Sr. Keuner é menos importante para Brecht do que sua função comunicativa. O leitor toma conhecimento de poucos detalhes sobre sua pessoa. Ele tem o atributo do pensador e faz o papel do professor, possui alguns amigos, mora de aluguel e, por conseguinte, não tem “status” de burguês; tem um filho, uma pequena sobrinha, e mais tarde uma namorada que é artista. A sua atitude é tão importante quanto aquilo que diz. Ele não é um professor no sentido de “mestre

escolar”. Como argumentador, ele é a personificação de uma dissuasão dialético-materialista; é um catalisador de processos de discurso, nos quais a consciência é modificada pelas condições da convivência humana.

### *O garoto Indefeso*

Rua na periferia da cidade

Diante dos cartazes de propaganda de um cinema obscuro, Baal encontra, acompanhado de Lupu, um garotinho que está soluçando.

**BAAL:** Por que está chorando?

**GAROTO:** Eu tinha duas moedas para ir ao cinema, aí veio um menino e me arrancou uma delas. Foi este aí. (Ele mostra.)

**BAAL:** (para Lupu) Isto é roubo. Como o roubo não aconteceu por voracidade, não é roubo motivado pela fome. Como parece ter acontecido por um bilhete de cinema, é roubo visual. Ainda assim: roubo.

Você não gritou por socorro?

**GAROTO:** Gritei.

**BAAL:** (a Lupu) O grito por socorro, expressão do sentimento de solidariedade humana, mais conhecido ou assim chamado, grito de morte.

(Acariciando-o.) Ninguém ouviu você?

**GAROTO:** Não.

**BAAL:** (para Lupu) Então tire-lhe também a outra moeda. (Lupu tira a outra moeda do garoto e os dois seguem des preocupadamente o seu caminho).

(para Lupu) O desenlace comum de todos os apelos dos fracos.<sup>(16)</sup>

A história “O garoto indefeso” (“Der hilflose Knabe”) surpreende o leitor, na medida em que não se espera de Baal/Sr. Keuner uma reação tão pouco humana em relação ao garoto que havia sido roubado pelo rapaz. A não-identificação, o estranhamento se impõe perante a atitude do Sr. Keuner. “O que merece ser imitado não é a maneira concreta de agir do Sr. Keuner, porém a sua atitude”<sup>(17)</sup>. O indivíduo capaz de ações políticas (que Herr Keuner, juntamente com Fatzler e Baal, personifica) não tem,

segundo Walter Benjamin, características resultantes de “amabilidade, amor ao próximo, idealismo, nobreza e outros... Não a postura ética: o homem não se torna melhor; mas a social” (“Menschenfreundlichkeit, Nächstenliebe, Idealismus, Edelmut oder ähnlichen... Nicht die ethische: der Mann wird nicht besser; aber die soziale” (18).

Brecht afirma, a respeito do Sr. Keuner:

Todos os vícios são bons para alguma coisa  
Só não o é o homem, diz ele, que os pratica.”

(“Alle Laster sind zu etwas gut  
Nur der Mann nicht, sagt er, der sie tut.”) (19)

Para que é bom o vício? Para fazer o homem refletir, levantar questões, se posicionar diante dos fatos, dos pressupostos, se tornar, enfim, um revolucionário.

### Compromissos com o Ensinar/Aprender

“A teoria de ensino/aprendizagem de Brecht é uma pedagogia dialética que combina elementos indutivos e dedutivos na aprendizagem, colocando à nossa disposição um método de exame e ação sobre a realidade social.” (20)

Enquanto produtor artístico, Brecht foi sobretudo um pedagogo, para quem, no entanto: “o único princípio que nunca ferimos foi o de submeter todos os princípios à tarefa social que tínhamos por objetivo cumprir em toda obra” (21)

Embora os textos-base deste trabalho tenham sido escolhidos entre obras de Brecht de diferentes gêneros literários, produzidos em diferentes épocas de sua vida, está evidente que todo o seu trabalho foi definitivamente marcado pela atenção ao ensinar e aprender, buscando fazer destes processos um ato de prazer e incutir-lhes uma atitude otimista e revolucionária, voltada para um compromisso com o coletivo.

## Notas Bibliográficas

Os textos de Brecht nos quais o presente trabalho se baseia encontram-se nos *Gesammelte Werke in 20. Bänden* (GW) editados pela Suhrkamp em 1967. Os outros textos de Brecht obedecem aos critérios usuais de referência bibliográfica.

- (1) Brecht, "Lenda da criação do livro do TAOTEKING no caminho de LAOTSE para a emigração". In: *Große kommentierte Berliner und Frankfurter Ausgabe, Gedichte 2*. Suhrkamp Verlag, Frankfurt, 1988. p.34. Tradução de Ingrid Dormien Koudela ainda não publicada.
- (2) Jan Knopf. *Brecht Handbuch, Lyrik, Prosa, Schriften*. J.B. Metzler, Ungekürzte Sonderausgabe, Stuttgart, 1986, p.10.
- (3) Jan Knopf, op. cit., p.120.
- (4) Willi Bolle. "A linguagem gestual no teatro de Brecht". In: *Revista Língua e Literatura*, n.5, São Paulo, FFLCH/USP, 1976, p.393.
- (5) Ingrid Dormien Koudela. *Brecht: um jogo de aprendizagem*. Editora Perspectiva, Edusp, São Paulo, 1991. p.102.
- (6) Brecht, op. cit. vol.5, p.2264.
- (7) Brecht, op. cit., vol.5, p.2216.
- (8) Brecht, op. cit., vol.5, p.2212.
- (9) Brecht, op. cit., vol.5, p.2198.
- (10) Brecht, op. cit., vol.5, pp.2213-2214.
- (11) Brecht, op. cit., vol.5, p.2224.
- (12) Brecht, op. cit., vol.5, p.2243.
- (13) Knopf, op. cit., p.312.
- (14) Reiner Steinweg, *Brechts Modell der Lehrstücke, Zeugnisse, Erfahrungen, Diskussion*. Frankfurt, Suhrkamp, 1976, p.316.
- (15) Knopf, op. cit., p.313.
- (16) Brecht, "O garoto indefeso". In: Ingrid Koudela. op. cit., pp.34-35.
- (17) Ingrid Koudela, op. cit., p.35.
- (18) Walter Benjamin, op. cit., p.12.
- (19) Brecht apud Benjamin, op. cit., p.12.

(20) Ingrid Koudela, "Aprender com Bertolt Brecht. Experimento de inovação da peça didática". (ainda não publicado)

(21) Reiner Steinweg, *Brechts Modell der Lehrstücke, Zeugnisse, Erfahrungen, Diskussion*. Frankfurt, Suhrkamp, 1976, p.316.

## Nota da Tradução:

A tradução dos textos foi realizada a partir de:

BRECHT, Bertolt. *Gesammelte Werke in 20. Bänden*. Frankfurt, Suhrkamp Verlag, 1967.

## Referências Bibliográficas

### Obras de Brecht

BRECHT, Bertolt. *Gesammelte Werke in 20. Bänden*. Suhrkamp Verlag, Frankfurt, 1967.

BRECHT, Bertolt. *Große kommentierte Berliner und Frankfurter Ausgabe*, "Gedichte 2", Suhrkamp Verlag, Frankfurt, 1988.

BRECHT, Bertolt. *Schriften zum Theater*, einmalige Sonderausgabe. Suhrkamp Verlag, Frankfurt, 1961.

## Referências Bibliográficas Secundárias

BENJAMIN, Walter. *Versuche über Brecht*. Edition Suhrkamp, Frankfurt, 1978.

BOLLE, Willi. "A Linguagem Gestual no Teatro de Brecht". In: *Revista de Língua e Literatura*, nº 5, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, 1976.

KNOPE, Jan. *Brecht Handbuch; Lyrik, Prosa, Schriften*, J.B. Metzlersche Verlagsbuchhandlung, Tübingen, 1986.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Brecht: Um Jogo de Aprendizagem*. Editora Perspectiva/Edusp, São Paulo, 1991.

MAYER, Hans. *Bertolt Brecht und die Tradition*. Neske, Pfullingen, 1961.

